

ANÁLISE DO CONHECIMENTO DE MÃES ACERCA DO ALEITAMENTO MATERNO E SEUS BENEFÍCIOS

Maria Eduarda Alves Silva¹
Túlio Souza Silva¹
Ana Paula Coelho Marcolino²

anapawlamarcolino@outlook.com

AREA DE CONHECIMENTO: Ciências da saúde

RESUMO

Os benefícios do aleitamento materno envolvem aspectos nutricionais, imunológicos e sociais, a curto e longo prazo para a mãe e o filho. Dada a importância do aleitamento materno, objetivou-se verificar o conhecimento de mães residentes em um município da Zona da Mata Mineira sobre o aleitamento materno, bem como os benefícios que o mesmo proporciona. Trata-se de uma pesquisa quantitativa que contou com participação de 20 usuárias cadastradas na unidade Estratégia Saúde da Família (ESF), com idade entre 20 a 66 anos, sendo que a pesquisa foi iniciada dia 10 agosto de 2020 com término dia 20 de agosto de 2020. Verificou-se que a maioria das mães praticou o aleitamento materno e demonstraram possuir conhecimento a respeito do tema, principalmente quanto aos benefícios que fornece tanto para o bebê quanto para a mãe que amamenta. Algumas mães não obtiveram um grau adequado de conhecimento e esse número apesar de ter sido menor, torna-se relevante, pois pode refletir baixa participação dos profissionais de saúde no aconselhamento e orientações dessas mulheres

PALAVRAS-CHAVE: aleitamento materno; benefício; desmame precoce; mães

1. INTRODUÇÃO

O aleitamento materno contribui positivamente para o desenvolvimento humano, sobretudo nos primeiros anos de vida. Seus benefícios envolvem aspectos nutricionais, imunológicos e sociais a curto e longo prazo para a mãe e filho (HORTA, MOLA e VICTORA, 2015).

Estudos apontam que os lactentes alimentados ao seio apresentam menor índice de morbimortalidade, quando comparados às crianças que não receberam aleitamento materno. Quanto aos que foram amamentados por mamadeiras, destaca-se uma maior prevalência de diabetes tipo 2 e de excesso de peso (VICTORA *et al.*, 2016).

¹ Acadêmico da Faculdade Vértice – Univértix

² Professora da Faculdade Vértice – Univértix

A intenção materna de amamentar associa-se ao êxito do aleitamento materno e deve ser fortalecida desde a gestação, visto que a prática do aleitamento favorece uma boa saúde física e mental para a mulher e o bebê (AMARAL *et al.*, 2020).

A decisão de amamentar geralmente ocorre antes da gravidez ou no primeiro trimestre da gestação e relaciona-se com o período de duração do aleitamento materno. O apoio do companheiro é imprescindível, pois traz segurança à mulher e aumento do vínculo familiar, o que também favorece a prevalência da amamentação (FERNANDES e HÖFELMANN, 2020).

Assim sendo, delinea-se como questionamento: Qual o nível de conhecimento das mães sobre o aleitamento materno e seus benefícios?

A pesquisa traz como objetivo verificar o conhecimento de mães residentes em um município da Zona da Mata Mineira sobre o aleitamento materno e os benefícios que o mesmo proporciona.

Enfim, com este estudo pretendemos contribuir no direcionamento das ações educativas e na reorientação das práticas adotadas pelos profissionais de saúde principalmente sobre o aleitamento materno exclusivo conforme recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS).

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A gestação concede à mulher o estabelecimento de vínculo afetivo com seu filho, sendo muito importante o contato pele a pele entre eles logo após o nascimento, pois é nesse momento em que é potencializado o apego. O aleitamento materno é um dos principais meios que favorecem o vínculo entre mãe e filho e deve ser estimulado desde a primeira hora de vida do bebê (FUCKS *et al.*, 2015).

O leite humano fornece à criança todos os nutrientes necessários para seu desenvolvimento e crescimento. A amamentação atua no desenvolvimento intelectual da criança e contribui fortemente para a redução da mortalidade infantil (NUNES, 2015).

Segundo Costa (2014), o termo aleitamento materno exclusivo (AME) é utilizado quando o bebê consome apenas leite materno direto ou extraído de sua mãe, sem receber outro tipo de alimento. O êxito no aleitamento é fundamental tanto para os neonatos quanto para as mães.

Em acordo com as recomendações do Ministério da Saúde, a amamentação deve ser ofertada de forma exclusiva até os 6 meses de vida do bebê, sendo continuada até os 2 anos de idade, com introdução de alimentos complementares adequados ao bebê (VANZIN, CARLI e KÜMPEL, 2020).

Além dos benefícios nutricionais do aleitamento materno para o bebê, ele também fornece proteção contra infecções, previne a ocorrência de cáries e defeitos de má oclusão. A oferta de mamadeiras, chupetas influencia negativamente a amamentação, além de prejudicar a respiração e fala da criança (PEREIRA *et al.*, 2019).

A amamentação também beneficia a mãe através do emagrecimento em menor tempo, prevenção de câncer mamário e de câncer ovariano, além de favorecer a rápida involução uterina devido à liberação de ocitocina, o que contribui para menor sangramento uterino no período pós-parto (OLIVEIRA, IOCCA, CARRIJO e GARCIA, 2015).

Levando em consideração a importância e vantagens do aleitamento materno, percebe-se a necessidade de fortalecer as orientações sobre o tema, fornecidas no pré-natal para sanar dúvidas das gestantes, fazendo com o que o conhecimento empírico dê lugar ao conhecimento científico, contribuindo para uma amamentação correta (TOLEDO NETO *et al.*, 2015).

3.METODOLOGIA

A presente pesquisa pode ser considerada descritiva, de abordagem quantitativa, na qual foi realizada por meio da aplicação de um questionário semi-aberto adaptado pelas autoras da pesquisa a partir de um instrumento elaborado (CARREIRA, 2008).

A pesquisa quantitativa tem o objetivo de quantificar os dados para generalizar os resultados de uma amostra para a população-alvo, sempre coletados a partir de instrumentos estruturados e cuja análise se dê utilizando estatística (GABRIEL, 2014).

A unidade da Estratégia Saúde da família em que foi realizado o estudo está localizada em município no interior da Zona da Mata Mineira, com uma população de 17.639 pessoas de acordo com o último censo, o índice de desenvolvimento é baixo devido ao grande número de desemprego, uma vez que a maioria dos cidadãos

trabalha em serviços temporários e incertos, oriundo de fontes externas como o café, órgão público e empresas privadas (IBGE, 2017).

Antes de iniciar a coleta de dados, foi solicitada a autorização da enfermeira responsável, por meio da assinatura do Termo de Autorização da Pesquisa. Na oportunidade, foram prestadas informações quanto aos objetivos do estudo.

A amostra foi constituída por 20 usuárias cadastradas na referida ESF, com idade entre 20 a 66 anos, sendo que a pesquisa foi iniciada dia 10 agosto de 2020 com término dia 20 de agosto de 2020. Como critério de inclusão foi considerado mulheres grávidas, mulheres que já tiveram filho e serem cadastradas nas referidas ESF. O critério de escolha do local foi devido ao fato de apresentar usuárias dentro do perfil da pesquisa e está localizada em um bairro em situação de vulnerabilidade social, os determinantes sociais da saúde condicionam a situação de saúde da população.

Considerando o momento excepcional de pandemia da COVID-19, adoto-se ações de prevenção de acordo com as orientações do Ministério da Saúde e realidade Municipal, com adoção de uso de luvas, mascara, óculos, higiene das mãos e uma distância mínima de segurança de 1,5 metro, respeitando o distanciamento social seletivo (BRASIL, 2020).

As participantes foram informadas dos objetivos do estudo e a sua participação, assim, concretizada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este estudo seguirá as especificações da Lei 466/2012 (BRASIL, 2012), que trata de pesquisa envolvendo seres humanos, resguardando-lhe o anonimato e autonomia de recusar-se ou desistir de fazer parte da amostra do estudo.

Neste âmbito, os dados foram processados no programa *Microsoft Office Excel 2013*, organizados em forma de gráficos e analisados por estatística descritiva, fomentando a discussão de dados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram entrevistadas 20 mulheres que preenchem os pré-requisitos para participar deste estudo. Após o término de coleta dos dados e posterior tabulação dos mesmos, seguiu-se com a análise em porcentagem, onde inicialmente foram desenhados os dados de caracterização dos sujeitos

A tabela 1 apresenta as características socioeconômicas das pesquisadas

tabela 1: Características socioeconômicas e estilo de vida

Característica	N=20	%
Idade		
20 à 30 anos	10	50
31 a 45 anos	4	20
46 a 66 anos	6	30
Estado Civil		
Solteiro	10	50
Casado	9	45
Viúva	1	5
Renda familiar		
Até um salário mínimo	11	55
De 1 a 3 salários mínimos	8	40
Maior que 3 a 5 salários mínimos	1	5
Escolaridade		
Analfabeta	3	15
Ensino fundamental incompleto	3	15
Ensino fundamental completo	4	20
Ensino médio incompleto	3	15
Ensino médio completo	6	30
Ensino superior	1	5

Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação à caracterização das entrevistadas, como se pode ver na Tabela 1, as idades variaram entre 20 e 66 anos e sobre o estado civil, 50% eram solteiras. Foi possível constatar que, das mulheres entrevistadas, 100% se enquadram na faixa etária maior que 19 anos. Isso mostra que a maioria das mulheres já atingiu a maturidade fisiológica e emocional, o que poderia ter contribuído para um melhor conhecimento (COUTINHO, SOARES, FERNANDES e 2014). Para Silveira (2018), mulheres casadas demonstram maior interesse em amamentar por mais tempo.

Observou-se que, das 20 mulheres entrevistadas, 50% estudaram até o 3º ano e as demais apresentaram média escolaridade, demonstrando carência de estudo. A baixa escolaridade é um fator que influencia negativamente a prática e continuidade da amamentação (COUTINHO, SOARES e FERNANDES, 2014).

Com relação à renda familiar, foi possível observar que 55% possuíam até um salário mínimo. A renda familiar também possui influência sobre a duração do aleitamento materno exclusivo, dado que bebês advindos de famílias com renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos, possuem maior chance de interromper a amamentação antes dos três meses de vida (ALVARENGA *et al.*, 2017).

Segundo Santana *et al.*, (2017) amamentar pode significar sacrifícios para uma família com pouca renda, tornando-se necessário comprar fórmulas infantis, mamadeiras, bicos e gás de cozinha, além dos eventuais gastos com saúde decorrentes de doenças infecciosas, que são mais comuns em crianças não amamentadas.

Quanto aos antecedentes ginecológicos, verificou-se que a maioria das entrevistadas tinham 2 filhos, sendo 50%, e 35% tiveram apenas 1 filho. Ao longo dos anos o desejo de ter filhos, a concepção e o conceito de família sofreram modificações, visto que nos dias atuais o casal prioriza as realizações de projetos individuais para depois concretizar projetos compartilhados, bem como ter filhos, geralmente optando por ter uma quantidade menor de filhos (BERNARDI, FÉRES e MAGALHÃES, 2018).

Sobre o tipo de parto, 68% afirmaram que teve parto normal e 95% relatou ter amamentado seus filhos. Estudos indicam que o parto normal não oferece obstáculos à amamentação na primeira hora de vida, quando comparado à cesariana, o que contribui para a promoção do aleitamento materno e estimula o contato pele a pele entre a mãe e o bebê (SILVA, PEREIRA, PASSOS e SANTOS, 2016).

Quando questionadas sobre amamentação, apenas 5% disseram não ter amamentado devido à dificuldade na produção de leite, 85% das mães que amamentaram, afirmaram que planejaram a amamentação no período pós-parto. Entre as motivações para amamentar, 40% das mães citaram o bem estar do bebê e 25% porque a criança sentia fome. Os benefícios do leite materno para a saúde do bebê trazem motivação para a mãe amamentar e quando motivadas, as mulheres tendem a prolongar a prática do aleitamento materno (ROCHA *et al.*, 2018).

A figura 1 demonstra o período ideal para fazer aleitamento materno exclusivo

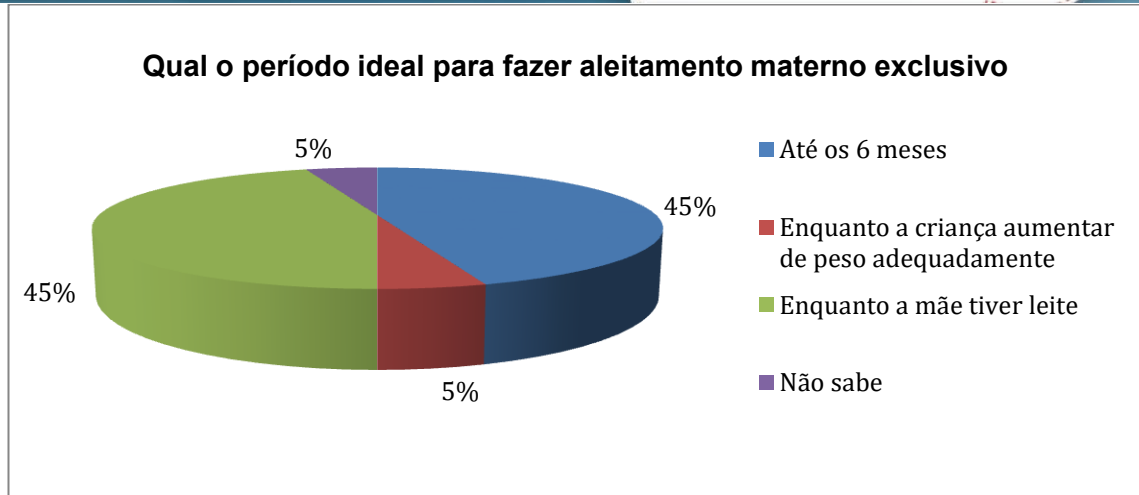


Figura 1: Resposta sobre qual o período ideal para fazer aleitamento materno exclusivo
 Fonte: Elaborado pelos autores.

A respeito do período ideal para o aleitamento materno exclusivo, 45% afirmaram ser até os 6 meses, 45% disseram ser enquanto a mãe tiver leite e apenas 5% não souberam responder à questão. É por meio do aleitamento materno que o recém-nascido recebe os nutrientes necessários para o organismo, por isso é essencial que eles sejam alimentados durante os primeiros seis meses exclusivamente com leite materno. Porém, no mundo isso acontece com menos de um em cada três bebês. A partir dos seis meses podem ser acrescentados alimentos complementares, de preferência na forma pastosa, associados com a amamentação, que ainda deverá ser mantida por dois anos ou mais (OLIVEIRA, 2014).

Em acordo com o Ministério da Saúde, o aleitamento materno exclusivo deve ser ofertado ao bebê até que o mesmo complete 6 meses de vida, podendo, após esse período, oferecer outros alimentos complementares à dieta do bebê (FERREIRA, *et al.*, 2018).

A maioria das mulheres afirmaram praticar o aleitamento materno por livre demanda, dado que 20% relataram que o bebê mama até não querer mais de uma mama e depois oferece a outra mama a ele e 15% disseram que a mamada termina quando o bebê quer parar. A livre demanda consiste em oferecer o leite ao bebê sob o sinal sugestivo de fome emitido por ele, não havendo determinação de horário ou tempo de duração da prática, pois o neonato expressa indícios que demonstram que ele está com fome, tais como aumento dos movimentos dos olhos, giro da cabeça

para procurar a mama da mãe, chupar ou morder as mãos, entre outros (SIQUEIRA e SANTOS, 2017).

A alternância das mamas contribui para que o bebê aprenda a mamar em ambos os seios, mas recomenda-se que essa alternância ocorra caso o bebê não se satisfaça com o leite de um único seio, podendo a outra mama ser oferecida preferencialmente após o esvaziamento da primeira oferecida para que haja recebimento de leite anterior e posterior (XAVIER, NOBRE e AZEVEDO, 2015).

Quando foram questionadas sobre os motivos que levam a interrupção precoce da amamentação, 75% disseram que o regresso da mãe ao trabalho, 15% problemas com a mama e 5% acredita ter tido pouco leite; 75% também relataram que sentiu dor para amamentar. O aparecimento da dor durante o aleitamento contribui para a efetivação do desmame precoce. Algumas medidas podem ser tomadas para prevenir os traumas, como a técnica adequada de amamentação, a exposição dos mamilos à luz solar, a realização da ordenha manual quando a mama estiver ingurgitada e manutenção dos mamilos secos e limpos (AMARAL *et al.*, 2015).

A maioria das entrevistadas acredita que o retorno das mães ao trabalho é um dos maiores fatores que influenciam no desmame precoce. O retorno da mãe ao trabalho é também uma causa de desmame precoce. Com as modificações no contexto familiar, hoje em dia a mulher assume responsabilidades externas à sua residência, deixando seu bebê com outro tipo de alimentação. O retorno das atividades laboratoriais fora do domicílio faz com que os seios não sejam estimulados pela sucção, levando à baixa produção de leite e, conseqüentemente, ao desmame completo (LIMA, NASCIMENTO e MARTINS, 2018).

Nos dias atuais, as mulheres estão cada vez mais inseridas no mercado de trabalho, entretanto, o retorno materno às atividades laborais após o período de licença-maternidade ocasiona sentimentos como angústia e ansiedade e influencia na decisão de continuar a amamentação. Em muitos casos, a mulher opta por escolhas inadequadas, como por exemplo introdução precoce de outros alimentos na dieta do bebê e oferta de mamadeiras (MONTESCHIO, GAÍVA e MOREIRA, 2015).

Verifica-se que existem muitos fatores que influenciam na duração ou interrupção do aleitamento materno e a atuação da equipe de enfermagem é importante para diminuição da incidência do desmame precoce. É necessário que a

gestante e puérpera sejam acompanhadas por profissionais qualificados para o manejo do aleitamento na maternidade e após a alta (SILVA, OLIVEIRA, SOUZA e SILVA, 2017).

Na Figura 2 podemos identificar que as mulheres apresentaram respostas praticamente unânimes sobre quem se beneficia quando se faz Aleitamento Materno.

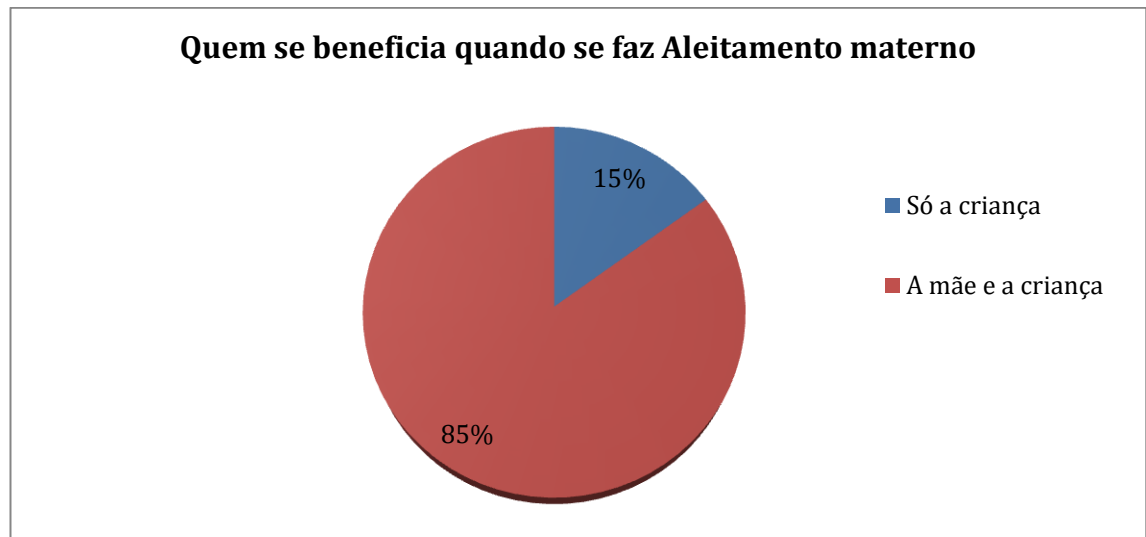


Figura 2 – Resposta sobre quem se beneficia quando se faz Aleitamento materno

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que concerne aos benefícios do aleitamento materno, 85% das respondentes afirmaram que é benéfico tanto para mãe quanto para o filho. Todas as entrevistadas reconheceram que o leite materno possui todos os nutrientes que o bebê necessita e, 70% relataram que o bebê deve ser colocado à mama pela primeira vez na primeira hora de vida.

A amamentação exclusiva desde o nascimento e até os seis meses de vida de um bebê é indispensável e contribui para a diminuição da morbimortalidade infantil, pois o leite materno protege a criança de várias doenças, tais como: desnutrição, alergias, diarreia, infecções, diabetes mellitus, obesidade e proporciona melhor desenvolvimento físico e emocional da criança. Evidências epidemiológicas mostram efeitos benéficos do aleitamento não só para criança como também a mãe, a família e até mesmo para a sociedade. A proporção desses benefícios é transformada por diversos fatores como socioeconômico, ambiental e dietético (PAIVA, 2018).

A promoção do aleitamento materno na primeira hora de vida do bebê é fundamental, pois o leite humano fornece proteção contra infecções, diarreias, entre outras patologias, garantindo inúmeros benefícios ao binômio mãe/filho (ARAÚJO, 2018). De acordo com Tomasi *et al.* (2017) o leite materno possui em quantidade ideal todos os nutrientes dos quais o bebê precisa para ter um desenvolvimento saudável.

A aproximação entre a mãe e o bebê pode ocasionar aumento da duração da lactação, pois o vínculo entre eles favorece uma sucção correta, aquece o bebê e durante a amamentação é ofertado o colostro, que confere imunização à criança e auxilia em seu desenvolvimento (LEITE, BARBOSA, OLIVINDO e XIMENES, 2016).

Segundo Nascimento *et al.* (2017), a efetividade do aleitamento materno está associada à pega correta, que ocorre quando os lábios do bebê se encontram virados para fora, abocanhando a aréola, ao invés de apenas o mamilo. Nesse sentido, 90% das entrevistadas do presente estudo relataram saber identificar os sinais de pega correta enquanto o bebê está a mamar.

No que se refere as vantagens da Amamentação para a saúde da mulher, as respostas foram relatadas na tabela 2.

A tabela 2: avaliação das mães sobre o conhecimento das vantagens da amamentação à saúde da mulher,

Característica	N=20	%
A mãe estabelece a relação com o bebê	1	5
Beneficia a mulher no corpo	1	5
Diminui o risco de doença cardiovascular e diminui o útero	1	5
Emagrece	8	40
Evita a mãe empedrar o leite na mama	1	5
Não menstruava	1	5
Não sabe	1	5
Não tem	1	5
Para voltar ao corpo ideal	2	10
Saúde da mulher	1	5
Vínculo entre mãe e filho	2	10

A tabela 2: avaliação das mães sobre o conhecimento dos benefícios da amamentação à saúde da mulher.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto às vantagens do aleitamento materno para a mãe/mulher, 40% referiram que o mesmo auxilia no emagrecimento e 10% citaram o vínculo entre mãe e filho. Para Silva, Soares e Macedo (2017), as vantagens do leite materno para a mãe estão ligadas à sua ação como um contraceptivo natural, redutor da incidência de câncer de mama e útero, além de proporcionar o emagrecimento mais rápido.

Os benefícios da amamentação para saúde da mulher ainda não são muito informados durante as consultas de pré-natal, são priorizadas as informações para os benefícios que o leite materno tem para o bebê. É importante informar durante as consultas, dentre outras, que o efeito protetor da amamentação contra o câncer está relacionado às funções imunológicas, onde os macrófagos presentes no leite promovem a destruição das células neoplásicas (SOARES *et al.*, 2019).

Segundo Leite, Barbosa e Olivindo e Ximenes (2016) a amamentação beneficia tanto o bebê quanto à mãe, visto que fornece à mulher proteção contra o câncer de colo de útero e há um menor risco para câncer de mama, em comparação àquelas que não amamentaram.

Em relação ao sentimento da mãe na primeira vez que amamentou 75% relatou ter sentido dor. A dor e o desconforto vivenciados pela mãe durante a amamentação associam-se às lesões mamilares causadas pela pega incorreta. Para minimizar traumas mamilares e dificuldades no processo de amamentação, é necessário que a mulher e o bebê estejam com uma postura confortável, favorecendo a uma pega correta e evitando cansaço e dor à mãe (MENEZES, GOMES, LIMA e SOUSA, 2014).

Todas as mulheres afirmaram ter conhecimento sobre o aleitamento materno, sendo que 40% afirmaram tê-lo adquirido através de enfermeiro ou médico.

Corroborando com o exposto, Leite, Barbosa, Olivindo e Ximenes (2016) salientam que a enfermagem é fundamental para garantir à mãe e filho o direito à lactação, devendo ser iniciada e estimulada desde a sala de parto.

O apoio ao aleitamento materno é uma das atribuições dos profissionais da área da saúde, sobretudo os que trabalham na atenção básica. As orientações prestadas pelos profissionais da saúde às mães sobre o aleitamento materno são

importantes incentivos à prática e também colaboram para desmistificar conceitos advindos do senso comum que influenciam negativamente na amamentação (BARBIERI *et al.*, 2015).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou verificar que a maioria das mães praticou o aleitamento materno e demonstraram possuir conhecimento a respeito do tema, principalmente quanto aos benefícios que fornece tanto para o bebê quanto para a mãe que amamenta.

As ações de promoção da Amamentação nas redes de saúde, foca na maioria das vezes na saúde da criança e em menor proporção na saúde da mulher. Fica evidente a necessidade de uma melhoria na qualidade das informações.

Tendo em vista o bem-estar materno-infantil, se faz necessário o apoio dos profissionais da saúde para orientar quanto à prática correta do aleitamento materno, a fim de minimizar dor, desconforto e qualquer outra eventualidade relacionada à prática incorreta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Sandra Cristina. *et al.* Fatores que influenciam o desmame precoce. **Aquichan**, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2017.

AMARAL, Sheila Afonso do. *et al.* Intenção de amamentar, duração do aleitamento materno e motivos para o desmame: um estudo de coorte, Pelotas, RS, 2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ress/2020.v29n1/e2019219/pt/>. Acesso em: 25 set. 2020.

ARAÚJO, Jéssima Gomes de. **Amamentação na primeira hora de vida do bebê: hora de ouro**. Orientadora: Mariana Ferreira Alves Carvalho. 2018. Monografia (Bacharelado em Enfermagem) – Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, 2018. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/2280/1/AMAMENTA%20c3%87%20c3%83O%20NA%20PRIMEIRA%20HORA%20DE%20VIDA%20DO%20BEB%20c3%8a%20HORA%20DE%20OURO.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

BARBIERI, Mayara Caroline. *et al.* Aleitamento materno: orientações recebidas no pré-natal, parto e puerpério. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 36, n. 1, p. 17-24, 2015.

BERNARDI, Denise; FÉRES, Terezinha Carneiro; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. **Contextos Clínicos**, v. 11, n. 2, p. 161-173, 2018.

COUTINHO, Ana Cláudia Ferreira Pinheiro; SOARES, Ana Carla de Oliveira; FERNANDES, Priscila da Silva. Conhecimento das mães sobre os benefícios do aleitamento materno à saúde da mulher. **Revista de enfermagem UFPE**. Recife, v.8, n. 5, p. 1213- 20, 2014.

COSTA, Suely Monteiro da. **Benefícios do aleitamento materno, mãe canguru, contato pele a pele entre mãe e bebê na primeira hora de vida**. Orientadora: Noíse Pina Maciel. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem)- Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173220/SUELY%20MONTEIRO%20DA%20COSTA-materno-tcc.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2014.

FERNANDES, Renata Cordeiro; HÖFELMANN, Doroteia Aparecida. Intenção de amamentar entre gestantes: associação com trabalho, fumo e experiência prévia de amamentação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25n3/1061-1072/pt/>. Acesso em: 25 set. 2020.

FERREIRA, Hellen Livia Oliveira Catunda. Fatores associados à adesão ao aleitamento materno exclusivo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n3/683-690/pt/>. Acesso em: 24 set. 2020.

FUCKS, Ingrid dos Santos. A sala do parto: o contato pele a pele e as ações para o estímulo ao vínculo entre mãe-bebê. **Avances em Enfermería**, v. 33, n. 1, p. 29-37, 2015.

HORTA, Bernardo L.; MOLA, Christian Loret de; VICTORA, Cesar G. Consequências a longo prazo da amamentação sobre o colesterol, obesidade, pressão arterial sistólica e diabetes tipo 2: uma revisão sistemática e meta-análise. **Acta Paediatrica**, v. 104, n. 467, p. 30-37, 2015.

LEITE, Maura Fernanda Ferreira da Silva; BARBOSA, Priscila Araújo; OLIVINDO, Dean Douglas Ferreira de; XIMENES, Valessa de Lima. Promoção do aleitamento materno na primeira hora de vida do recém-nascido por profissionais da enfermagem. **Arquivo de Ciências da Saúde UNIPAR**, v. 20, n. 2, p. 137-143, 2016.

LIMA, Ariana Passos Cavalcante; NASCIMENTO, Davi da Silva; MARTINS, Maísa Mônica Flores. A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce: uma revisão integrativa. **Rev. De saúde e Ciências biológicas**. p.189-196.2018 Disponível em:

<https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1633/640>. Acesso em: 18 set. 2020.

MENEZES, Labibe do Socorro Haber de; GOMES, Rita Mara Souza Bastos; LIMA, Bruna de Oliveira; SOUSA, Eliane Xavier. Dor relacionada à prática da amamentação no puerpério imediato. **Fisioterapia Brasil**, v. 15, n. 2, 2014.

MONTESCHIO, Caroline Aparecida Coutinho; GAÍVA, Maria Aparecida Munhoz; MOREIRA, Mayrene Dias de Sousa. O enfermeiro frente ao desmame precoce na consulta de enfermagem à criança. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 68, n. 5, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672015000500869&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 25 set. 2020.

NASCIMENTO, Juliana da Silva Garcia *et al.* Processo de orientação para amamentar: a desarticulação da educação realizada à beira do leito. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 15, n. 54, p. 13-20, 2017.

NUNES, Leandro Meirelles. Importância do aleitamento materno na atualidade. **Boletim Científico de Pediatria**, v. 4, n. 3, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/184239/001079501.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2020.

OLIVEIRA, Carolina Sampaio de; IOCCA, Fátima Aparecida; CARRIJO, Mona Lisa Rezende; GARCIA, Rodrine de Almeida Teixeira Mattos. Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, p. 16-23, 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/56766>. Acesso em: 25 set. 2020.

OLIVEIRA, Talita Silva de. **A importância do aleitamento materno**. Orientadora: Dra. Sabrina da Silva de Souza, Florianópolis, 2014. 20 f. Monografia (especialização) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173227/TALITA%20SILVA%20Ode%20OLIVEIRA%20-%20SMNL%20-%20tcc.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15. Set. 2020

PEREIRA, Eduarda Borges. *et al.* Benefícios da amamentação para a saúde da mulher e do bebê. **Anais da Jornada Odontológica de Anápolis – JOA**. 2019. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/joa/article/view/4339>. Acesso em: 25 set. 2020.

PAIVA, Rackelly Naiana S. D. **Benefícios amamentação exclusiva até os seis meses de idade para mãe e para o bebê**. Orientadora: Juliana Varjão, Cuiabá, 2018. 29pág. Trabalho de Conclusão de Curso de Nutrição – Universidade De Cuiabá, Cuiabá, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com.br/bitstream/123456789/20385/1/RACKELLY%20NAIANA%20SANTOS%20DE%20PAIVA.pdf>. Acesso em: 15. Set. 2020

ROCHA, Gabriele Pereira. *et al.* Fatores condicionantes para a amamentação exclusiva na perspectiva da mãe. **Caderno Saúde Pública**, v. 34, n. 6, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2018.v34n6/e00045217/>. Acesso em: 24 set. 2020.

SANTANA, Andréa Canário de. *et al.* O conhecimento de estudantes universitários do sexo masculino sobre o aleitamento materno e o papel do pai na amamentação. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/17731/14850>. Acesso em: 14, set, 2020.

SANTOS, Geysa Mayara Rosa dos. *et al.* Mitos e crenças sobre aleitamento materno que levam ao desmame precoce nas estratégias saúde da família no município de Firminópolis-GO. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 8, n. 4, p. 177-202, 2015.

SILVA, Cristianny Miranda e; PEREIRA, Simone Cardoso Lisboa; PASSOS, Ieda Ribeiro; SANTOS, Luana Caroline dos. Fatores associados ao contato pele a pele entre mãe/filho e amamentação na sala de parto. **Revista de Nutrição**, v. 29, n. 4, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-52732016000400457&script=sci_arttext. Acesso em: 24 set. 2020.

SILVA, Dayane Pereira da; SOARES, Pablo; MACEDO, Marcos Vinícius. Aleitamento materno: causas e consequências do desmame precoce. **Revista Unimontes Científica**, v. 19, n. 2, 2017. Disponível em: <http://ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/489>. Acesso em: 25 set. 2020.

SILVA, Débora Stéffanie Sant'Anna da; OLIVEIRA, Monique de; SOUZA, Ana Lucia Torres Devezas; SILVA, Renata Martins da. Promoção do aleitamento materno: políticas públicas e atuação do enfermeiro. **Cadernos UniFOA**, v. 12, n. 35, 2017. Disponível em: <https://moodlead.unifoa.edu.br/revistas/index.php/cadernos/article/view/483/1286>. Acesso em: 25 set. 2020.

SILVEIRA, Kamilli Alcassio da. **Fatores que interferem no aleitamento materno: percepção de gestantes**. Orientadora: Emília Alonso Balthazar. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/2542/1/KamilliAlcassiodaSilveira.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

SIQUEIRA, Fernanda de Paula Cerântola; SANTOS, Barbara Almeida. Livre demanda e sinais de fome do neonato: percepção de nutrízes e profissionais da saúde. **Saúde e Pesquisa**, v. 10, n. 2, 2017.

SOARES, Juliana de Cássia Nunes. *et al.* ALEITAMENTO MATERNO NA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA. **REVISTA UNINGÁ**, v. 56, n. 6, p. 13-22, set. 2019. ISSN 2318-0579.

TOLEDO NETO, João Lopes. *et al.* Conhecimento de enfermeiros sobre amamentação de recém-nascidos com fissura labiopalatina. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 16, n. 1, p. 21-28, 2015.

TOMASI, Patrícia Zilio. *et al.* A importância do aleitamento materno. **Anais da Semana Acadêmica e Mostra Científica de Enfermagem**, p. 7, 2017. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/anaisamcenf/article/view/12628/7311>. Acesso em: 25 set. 2020.

VANZIN, Patrícia Simioni; CARLI, Graziela de; KÜMPEL. Aleitamento materno e aspectos nutricionais de crianças da escola de educação infantil de uma instituição hospitalar da cidade de Passo Fundo – RS. **Saúde (Santa Maria)**, v. 46, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasauade/article/view/45244>. Acesso em: 25 set. 2020.

VICTORA, Cesar G. *et al.* Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida. **Lanceta**, v. 387, n. 10017, p. 475-490, 2016.

XAVIER, Bruno Simplício; NOBRE, Raquel Guimarães; AZEVEDO, Daniela Vasconcelos de. Amamentação: conhecimentos e experiências de gestantes. **Nutrire**, v. 40, n. 3, p. 270-277, 2015.